



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA- UEPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC I

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ALUSKA POMBO ALMEIDA DINIZ

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA
PRÁTICA PEDAGÓGICA.**

Orientadora: Prof^a Ms Glória Maria Leitão de Sousa Melo

Campina Grande – PB

2011

ALUSKA POMBO ALMEIDA DINIZ

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA
PRÁTICA PEDAGÓGICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao curso de Pedagogia da UEPB como exigência para a conclusão de curso e obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Campina Grande – PB

2011

ALUSKA POMBO ALMEIDA DINIZ

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA
PRÁTICA PEDAGÓGICA.**

BANCA EXAMINADORA

Glória Maria Leitão de Sousa Melo

Profª Ms Glória Maria Leitão de Sousa Melo

Orientadora

Maria do Socorro Araújo de Arruda

Profª Ms Maria do Socorro Araújo de Arruda

Examinadora

Maria de Lourdes Cirne Diniz

Profª Ms Maria de Lourdes Cirne Diniz

Examinadora

Data de Aprovação: 20/06/2011

Nota: 9,5

Campina Grande – PB

2011

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

D585I Diniz, Aluska Pombo Almeida

Literatura na educação infantil [manuscrito]: a contação de história na prática pedagógica /Aluska Pombo Almeida Diniz. – 2011.

43f.: il.: Color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Ma. Glória Maria Leitão de Sousa Melo. Departamento de Pedagogia”.

1. Literatura Infantil 2. Contação de História 3. Desenvolvimento. I.
Título.

21. ed. CDD 808.899 282

RESUMO

Neste trabalho é apresentada uma pesquisa sobre a contação de histórias e sua importância para o desenvolvimento de crianças na Educação Infantil. A pesquisa caracteriza-se como do tipo pesquisa de campo e do tipo bibliográfica. Para coleta de dados foi utilizada a observação e a escuta a professoras, através de um questionário. O estudo inicia-se com um Breve Histórico acerca da origem da literatura infantil na Europa e no Brasil, ao longo dos séculos, desde Esopo, o iniciador desta atividade com contos orais que tinha um fundo moralista, passando por La Fontaine, Perrault, os Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen vindo para a literatura brasileira com Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, Ziraldo dentre outros. Buscou-se, também, apresentar a importância acerca da Literatura Infantil principalmente no que diz respeito à formação intelectual da criança, pois, ao ouvir muitas histórias as crianças já iniciam uma aprendizagem para ser um bom leitor, e a resolver conflitos emocionais como: medo, tristeza, raiva, espanto, pavor, insegurança, tranquilidade, saudade e lembranças, suscitando assim, o imaginário de cada criança. Foi possível observar, a partir do processo investigativo, que no uso da literatura, através da contação de história na prática pedagógica junto a crianças pequenas, deve-se levar em conta o desenvolvimento da criatividade, do senso crítico, da oralidade destas crianças, bem como o despertar pelo gosto de ler.

Palavras-Chaves: Literatura Infantil. Contação de Histórias. Desenvolvimento Infantil. Educação Infantil.

ABSTRAT

This paper presents a research on storytelling and its importance for the development of children in kindergarten. The survey characterized as a search field and type of literature. For data collection was used to observe and listen to teachers through a questionnaire. The study begins with a brief history about the origin of children's literature in Europe and Brazil, over the centuries, from Aesop, the initiator of this activity with oral tales that had a moral background, passing by La Fontaine, Perrault, the Brothers Grimm, Hans Christian Andersen came to the Brazilian literature Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, Ziraldo among others. We attempted to also produce about the importance of books for children especially with regard to the intellectual development of children, therefore, to hear many stories as children start learning to be a good reader, and resolve emotional conflicts such as fear, sadness, anger, surprise, fear, insecurity, relaxation, nostalgia and memories and inspire the imagination of each child. It was possible to observe from the investigative process, that the use of literature through storytelling in teaching practice with small children, should take into account the development of creativity, critical of the census, the orality of these children and as the wake-like reading.

Key Words: Children's Literature. Storytelling. Child Development. Child Education.

1.0 INTRODUÇÃO

Através do contar e do ouvir histórias é possível viajar pelo mundo do imaginário, mesmo que seja por alguns momentos. Quem nunca ouviu ou contou uma história? História contada pelos pais, avós, tios, primos ou irmãos, seja ela real ou só apenas fantasia que se perpetua ao longo dos anos, e passa de geração em geração.

O presente artigo resulta de uma pesquisa desenvolvida numa instituição pública de Educação Infantil, com o objetivo de investigar como são contadas e ouvidas as histórias infantis por professores e por crianças em ambiente escolar; e, identificar situações de contação de história pelas crianças investigando o que elas acham, como agem, quais os recursos verbais e gestuais por elas utilizados, bem como suas atitudes diante das demais crianças.

A literatura infantil é uma prática ainda pouco estabelecida nas instituições de ensino, mas, de grande importância; pois, ao ouvir uma história a criança, não apenas se transporta para seu mundo imaginário, mas pode ser despertada pelo desejo de ler e de escrever desenvolvendo, conseqüentemente, uma aprendizagem mais significativa e a capacidade de compreender e resolver situações do mundo em que vive. A contação de histórias permite, ainda, que a criança desenvolva o seu senso-crítico. Segundo Abramovich (2006, p. 143), “ao ler uma história à criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar [...] A criança pode se sentir inquietada, “cutucada”, querendo saber mais e melhor ou perceber que pode mudar de opinião...”. Desenvolve a imaginação, que “é também suscitar o imaginário. É ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...)” (ABRAMOVICH, 2006, p. 17).

Quanto à oralidade, Machado defende que o professor deve oferecer, “atividades que criem situações da fala, escuta e compreensão da língua ampliando as capacidades comunicativas das crianças de forma significativa e que preserve a naturalidade de conversar, falar e escutar” (MACHADO, 2000, p.42) desenvolve também a criatividade da criança envolvida no processo da contação de história.

[...] ao ouvirem histórias, as crianças são mobilizadas em vários aspectos, envolvendo seu corpo, suas ideias, sua linguagem, seus sentimentos, seus

sentidos, sua memória, sua imaginação. Além disso, a imagem que associa a experiência de quem ouve histórias a um estado de contemplação, de fruição, de ‘viagem’, de evasão da realidade, revela apenas parcialmente o que é o contato com histórias e seus impactos na infância (BRANDÃO, ROSA, 2010, p. 39).

As questões que norteou essa investigação foram: O que pensam professoras e crianças acerca da contação de histórias? Com que frequência histórias são contadas para as crianças em sala de aula? Que recursos são utilizados durante a contação? Como ocorre a prática da contação de histórias na Educação Infantil? A contação de histórias contribui para o desenvolvimento do gosto pela leitura e pela escrita?

Esse estudo, caracterizado por uma pesquisa de campo, procurou respostas para as indagações feitas nos objetivos deste. Segundo Demo a pesquisa é: “um questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático” (DEMO, 1996, p.34 apud SILVA, (2001, p.19).

Silva (2001, p.20) ainda diz que: “a pesquisa é um conjunto de ações, proposta para encontrar a solução para um problema, que têm por base procedimentos racionais e sistemáticos. (...) é realizada quando se tem um problema e não se tem informações para solucioná-lo”. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa onde foi possível a utilização de questionários, observações e técnicas documentais que servirão para contextualizar o estudo permitindo explicitar e complementar informações que surjam ao longo da pesquisa.

Ainda no dizer de Silva (2001, p.20) na pesquisa qualitativa “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito”, ou seja, é o vínculo indissolúvel entre o mundo objetivo e o subjetivo do sujeito.

O processo de investigação na sala de aula se fez através de observações durante o período de estágio docente e da participação direta e indireta das situações de ensino-aprendizagem, assim como a análise do material didático utilizado pelo professor e produzido pela criança, fotos e questionários com perguntas abertas para as professoras da instituição observada/investigada.

O universo da pesquisa foi composto por professoras e crianças da Educação Infantil de uma escola da Rede Municipal de Ensino localizada na cidade de Campina Grande – PB.

Os procedimentos para a coleta ocorreu em 4ª etapas:

1ª Etapa - apresentação e adaptação dos sujeitos envolvidos.

2ª Etapa - observação e investigação do funcionamento das turmas, levando em consideração a prática desenvolvida pelas professoras na contação de história.

3ª Etapa – aplicação de questionários, com questões abertas, às professoras da instituição envolvida.

4ª Etapa – Análise das observações, tendo como objetivo acompanhar o que é feito pela professora na sala de aula com relação à contação de história.

Por fim, foi feito o tratamento e a análise dos dados, levando em conta todos os processos aqui mencionados. Essa pesquisa permitiu, dentre outros, estudar a realidade da sala de aula e do cotidiano escolar da criança levando em conta o processo da contação de história.

2. LITERATURA INFANTIL

2.1 BREVE HISTÓRICO EM PAÍSES EUROPEUS

Qual o adulto que não se lembra de alguma história ouvida quando criança? Aquelas contadas pelos pais, avós, histórias clássicas ou as inventadas na hora, improvisadas. Abramovich, (2006, p.16) diz que: “O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai, dos avós, contando contos de fadas, trechos bíblicos, histórias inventadas (...)” reforçando essa ideia Zilbermam (2003, p.170) afirma que: “o contato com a literatura infantil se faz inicialmente por seu ângulo sonoro: a criança ouve histórias narradas por adultos, podendo eventualmente acompanhá-las com os olhos na ilustração.” Histórias assim, passam de geração em geração e não saem da nossa memória; histórias que se difundem oralmente pelo mundo.

Contar história é uma das mais antigas formas de arte. Nas antigas civilizações, a única forma de se comunicar era através da oralidade, não havendo outra forma de

comunicação. Durante muito tempo manteve-se sem a escrita difundindo-se apenas no século XVII com a aparição de modificações na sociedade desse período.

Para algumas correntes históricas a contação de história e a origem das fábulas iniciou-se com Esopo, fabulista grego nascido por volta de 620 a.C, escravo da antiguidade. Conta a história, que ele teria sido libertado pelo seu dono por gostar de suas fábulas e histórias. Foram-lhe atribuídas pequenas histórias de caráter moral e alegórico, cujos principais personagens eram feitos por animais e que sugeriam normas de conduta. As suas fábulas faziam parte da tradição oral dos gregos, por isso não foram escritas, foram reunidas e escritas depois de alguns anos.

Seguindo Esopo veio o fabulista Fedro, suas fábulas eram pequenas narrativas que serviam para ilustrar vícios ou virtudes e terminava sempre como uma lição de moral. Ele viveu por volta de 30/15 a.C a 44/50 d. C, na Macedônia, Grécia. Viveu na Era Cristã época que a fábula era utilizada como sátira, crítica, porém mantêm-se moralizante tanto para adultos quanto para as crianças.

Para os orientais o conto oral era considerado mais do que um estilo literário a serviço do divertimento, sobre isso Bussato (2008, p.17) afirma que:

Os povos orientais consideravam o conto oral mais do que um estilo literário a serviço do divertimento. Sabiam que neles estão contidos o conhecimento e as idéias de um povo, e que através deles era possível indicar condutas, resgatar valores e até curar doenças. Eles acreditavam no poder curativo do conto e meditar sobre ele. Neste caso o conto funcionava como um reestruturador do desequilíbrio emocional que provocou o distúrbio físico. Aqui o conto adquire um caráter terapêutico, encanta curando.

Porém outras correntes acreditam que os precursores dos primeiros livros destinados a crianças foram os europeus e foram escritos por volta do fim do século XVII e durante o século XVIII. Essas primeiras obras infantis apareceram devido às mudanças sociais e os novos conceitos sobre família e infância por que até então a criança era vista “como um mero ser biológico, sem status próprios” (Dornelles, 2005, p14 e 15). Ainda reforçando essa ideia Ariés afirma que:

Até o século XVI, as crianças eram tidas como adultos de tamanho menos, adultos em miniatura, diferindo das outras pessoas apenas por serem menores. Não tinham, portanto, um estatuto específico. Participavam livremente na rua dos eventos do cotidiano e de todas as atividades da comunidade: ritos, costumes, festas, lutas e jogos. Adquiriam conhecimentos da vida nas interações com os adultos, compartilhando dos seus trabalhos e de suas brincadeiras, quer misturadas a eles, quer entre si. Em meio a tudo isso, elas cresciam. Assim antes do século XVII, não havia a “infância”: nenhum espaço separado do “mundo adulto”. Crianças e adultos trabalhavam, viviam e testemunhavam nascimentos, doenças e mortes conjuntamente da mesma maneira que participavam da vida pública (política), das festas, guerras, audiências, execuções, etc. (ARIÉS, 1981 apud DORNELLES, 2005, p 24)

Foi nesse contexto que surgiu o conceito de infância e família. Ainda no século XVII a ideia de infância passa a ser diferente, “passa a ser associada à idéia de dependência, inocência e fragilidade” (DORNELLES, 2005, p.25).

Para alguns autores a literatura infantil se divide em dois momentos: o momento da escrita e o momento da lendária. Visto que a primeira destaca o século XVII quando foram escritas e publicadas as primeiras obras e a segunda destaca a oralidade realizada pela necessidade de comunicação principalmente das mães com os filhos para comentar os acontecidos do cotidiano. Quanto a isso Cademartori apud Basso (1994) enfatiza que:

A literatura infantil dividi-se em dois momentos: a escrita e a lendária. A lendária nasceu da necessidade que tinham as mães de se comunicar com seus filhos, de contar coisas que os rodeavam, sendo estas apenas contadas, não sendo registradas por escrito. Os primeiros livros infantis surgiram no século XVII, quando da escrita das histórias contadas oralmente. Foram obras de fundo satírico, concebidas por intelectuais que lutavam contra a opressão para estigmatizar e condenar usos, costumes e personagens que oprimiam o povo. Os autores, para não serem atingidos pela força do despotismo, foram obrigados a esconder suas intenções sob um manto fantasioso. (Não paginado- Digitado)

Como já foram mencionadas, as publicações dos livros literários infantis aconteceram no século XVII. A partir de então, a literatura infantil foi criada e preparada para as crianças, com intuito pedagógico, usado como instrumento de apoio na sala de aula e no ensino e tinha o cunho preparatório e que considerava a transmissão dos valores e das crenças da época, com o objetivo de promover padrões comportamentais obrigados pela sociedade burguesa que dominava o período (PEREIRA, 2007).

Ao longo dos anos desse século surgiram as edições impressas e entra na história nomes como La Fontaine e Charles Perrault, mas, quem foram esses homens e o que realizaram?

La Fontaine (1621 – 1695) Francês nascido em Paris. Estudou teologia e direito, mas seu interesse era pela literatura. Em 1668 publicou as primeiras fábulas, num volume intitulado “Fábulas Escolhidas”. Este volume tinha 124 fábulas que foram dedicadas ao filho do rei Luis 14. Essas fábulas tinham cunho moralista e animais com características humanas. Ele é considerado o pai da fábula moderna. As fábulas mais conhecidas são A Lebre e a Tartaruga, O Homem, O Menino e a Mula, O Leão e o Rato e o Carvalho e o Caniço. Alguns autores afirmam que La Fontaine só fez atualizar as fábulas de Esopo, mas que também criou as suas. (Oliveira, 2006)

Charles Perrault (1628 – 1703) Francês nascido em Paris, escritor e poeta que estabeleceu base do gênero literário. O conto de fadas foi sua dedicação. Cria uma literatura de cunho popular e transformou o folclore popular europeu em histórias que caiu tanto no gosto infantil como contou também com a aprovação dos adultos. Aos 50 anos começou a registrar as histórias de tradição oral contadas, principalmente, pela mãe ao pé da lareira. Ele foi considerado o pai da Literatura Infantil. Suas histórias são conhecidas até hoje a exemplo do O Pequeno Polegar, A bela adormecida, O conto da mãe Gansa, O Gato de Botas, entre outras. (Oliveira, 2006)

Esses dois criadores de fábulas e contos contribuíram e ainda contribui com a literatura de hoje.

É importante destacar que o surgimento da literatura infantil e a emergência de se criar esse gênero se explica pela estreita ligação com o contexto social e que a literatura era um problema pedagógico e não-literário. Quanto a esse caráter pedagógico Zilbermam (2003, p.46) ressalta que,

A literatura infantil contraria o caráter pedagógico antes referido, compreensível com o exame da perspectiva da criança e o significado que o gênero pode ter para ela. Sua atuação dá-se dentro de uma faixa de conhecimento, não porque transmite informações e ensinamentos morais, mas porque pode outorgar ao leitor a possibilidades de desdobramento de suas capacidades intelectuais. O saber adquirido dá-se, assim, pelo domínio da realidade empírica, isto é aquela que lhe é negada em sua atividade escolar ou doméstica, desencadeando um “alargamento da dimensão de compreensão” e a aquisição de linguagem, produto da recepção da história enquanto audição ou leitura e de sua decodificação.

Além de La Fontaine e Charles Perrault, outros escritores de literatura infantil fizeram história, entre eles os irmãos Jacob (1785 – 1863) e Wilhelm (1786 – 1859) Grimm mais conhecidos como os irmãos Grimm. Alemães que decidiram contar/escrever histórias. Eles recolheram histórias contadas pelas memórias populares e reuniram em um livro. Para alguns autores como Magalhães (2001, p.26) as primeiras obras literárias infantis surgiram com os irmãos Grimm. A autora afirma que:

A coletânea dos irmãos Grimm, constituída de contos folclóricos, mais conhecidos como *contos de fadas*, ornou-se a primeira literatura das crianças burguesas. A publicação desses contos marca o início da oralidade à escrita implicou não apenas a mudança de destinatário, mas também as alterações quanto à função exercida pelos contos em relação ao público.

E conclui dizendo que:

[...] os contos de fadas pertenciam, inicialmente, às classes mais baixas da sociedade feudal e expressavam a sua impotência frente à situação injusta de que eram vítimas. O elemento fantástico ou maravilhoso tinha para o ouvinte um valor compensatório, pois somente através da fantasia, ou seja, pela intervenção de entes sobrenaturais, como fadas ou duendes, ele podia utopicamente

imaginar uma melhoria na sua sorte. (RICHETER & MERKEL, 1978 apud MAGALHÃES, 2001, p.26)

A literatura infantil constituiu uma adaptação dos contos de fadas unidas com o lado criativo dos escritores, que levaram a criação de novas histórias (Magalhães, 2001).

Tanto Charles Perrault, quanto os irmãos Grimms, escreveram contos de fadas. Nos seus relatos tinham histórias de mágicos, resultado da presença do bem e do mau, do herói, da fada, do duende e de animais encantados. Esses personagens tiveram e ainda tem uma colaboração voluntária, pois esses possibilitam a criança à superação de suas emoções (Zilbermam, 2003).

Os irmãos Grimm têm como obras “Chapeuzinho Vermelho”, “Rapunzel” e a “Branca de Neve”. Como diz Abramovich “são famosos por seus Contos, recolhidos da tradição e lendas populares [...] Eles se voltaram para o fantástico, e a simples narração é envolvida por uma atmosfera poética”. (2006, p.123)

Outro literário que também fez história foi Hans Christian Andersen (1805 – 1875), nasceu na Dinamarca. Suas produções também são conhecidas como os Contos de Andersen. “filho do povo e seus contos brotaram de sua própria infância” (Abramovich, 2006, p.123). Andersen escreveu contos como “O soldadinho de chumbo”, “A pequena Sereia”, “O patinho feio” entre outros.

É notório que ao longo desses séculos a literatura infantil se confunde com as transformações vividas na sociedade e se confunde também com as modificações dos contos de fadas, como afirma a própria Zilbermam (2003, p.139):

[...] no século XIX, havendo a preocupação em dotar os jovens com textos considerados adequados à sua educação, deu-se a reelaboração do acervo popular europeu, destacando-se especialmente a atuação dos irmãos Grimm. Quando a moderna pedagogia passou a enfatizar a necessidade de uma formação emancipada das crianças, a literatura infantil respondeu com textos renovados, que procuram liberar a criatividade infantil, transmitindo ao mesmo tempo aos leitores uma mensagem progressista.

Toda a evolução literária Europa levou ao mundo a desenvolver-se acerca da literatura, não só para os adultos mais também para as crianças e escola passou a ser a ponte entre a criança e o livro. Isso não foi diferente no Brasil.

2.2 BREVE HISTÓRICO NO BRASIL

No Brasil essa realidade foi um pouco diferente, pois as primeiras publicações só se realizaram depois da Abertura da Imprensa Régia em 1808, quando a família Real Portuguesa veio para o Brasil. Publicações essas, para o público adulto, não havia preocupação com as crianças. Mas ainda nesse período surge a literatura infanto-juvenil, destinada aos jovens. A literatura infantil nasce no Brasil no fim do século XIX, com Carl Jansen, europeu radicado no Rio Grande do Sul e depois no Rio de Janeiro. Ele traduziu e adaptou clássicos para a juventude, como: “As mil e uma noites”, “Viagens de Gulliver”, “Robinson Crusoé”, “As aventuras do Barão de Munchhausen” e “Dom Quixote” (Zilbermam, 2003)

Segundo a própria Zilbermam, ao lado das adaptações:

[...] houve a utilização do conto de fadas europeu, particularmente o ibérico, que passou a circular em antologias como *Contos da Carochinha*, de Figueiredo Pimentel. A seu lado, acrescenta-se o aparecimento de alguns livros de natureza didática, produto sobretudo de educadores e religiosos, nos quais se verifica acima de tudo o intuito pedagógico, introdutor de valores e normas de conduta. (ZILBERMAN, 2003 p.144 e 145)

Carl Jansen, Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac foram os desbravadores da literatura infantil brasileira. Entretanto, quem de fato marcou a literatura brasileira foi Monteiro Lobato como afirma Zilbermam (2003, p. 145) em sua fala:

O papel de Monteiro Lobato no quadro da literatura infantil nacional tem sido seguidamente reiterado, e com justiça. Com esse autor rompe-se (ou melhor: começa a ser rompido) o círculo da dependência aos padrões literários providos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. Valorizando a ambientação local predominante da época, ou seja, a pequena propriedade rural, [...] constrói uma realidade ficcional coincidente com a do leitor de seu tempo, o que ocorre pela invenção do Sítio do

Pica-pau Amarelo [...] utiliza personagens nacionais como também cria uma mitologia autônoma.

Monteiro Lobato (1882 – 1948), natural de Taubaté, São Paulo, foi um advogado. Ele cria uma realidade irreal que aproxima o público infantil leitor da sua época, cria o Sítio do Pica-pau Amarelo, inventa heróis criança o que facilita a identificação das crianças por suas obras. Ele deu voz à criança, onde elas podem opinar e agir sobre os problemas que lhes são propostos. Foi Monteiro Lobato que introduziu o folclore brasileiro, na literatura infantil, ele incorporou personagens como Saci Pererê, a Cuca, Curupira, entre outros. (Zilbermam, 2003)

Quanto a sua obra criativa e quanto ao pensamento de Lobato de formar um leitor Zilbermam (2003, p. 147) fala: “Lobato sempre teve em mente a formação de seu leitor, visando dotá-lo de uma certa visão do real e da circunstância local, assim como de uma norma de conduta”. Lobato utilizou em suas histórias personagens com traços contemporâneos e cotidianos bem diferente do que era proposto na época. Ele revelou de imediato como estava a sociedade brasileira de seu tempo, como a família (patriarcal), a escola e a religião (ou Igreja) estavam completamente ausentes em suas obras. Exemplo disso é das obras que estão presentes a personagem da Dona Benta e seus netos.

Dona Benta e seus netos, rodeados de alguns animais incomuns, como os falantes burro Conselheiro, rinoceronte Quindim e Marquês de Rabicó, ainda coincidem com uma idéia de família, falta-lhe a orientação patriarcal e autoritária que perdurava no período, sobretudo no meio rural habitado pelos protagonistas. Por sua vez, a escola desaparece, já que Pedrinho está em férias permanentes, sendo alvo de uma aprendizagem que crê muito mais eficaz, já que recorre à leitura de livros e comparece diariamente aos serões, abertos a todos os interessados, de Dona Benta. A organização religiosa nunca mencionada, como se jamais tivesse existido, nem funcionado como um dos principais esteios da sociedade nacional ao longo da história. (ZILBERMAM, 2003, p. 157-158)

Até a segunda metade do século XX, as obras didáticas produzidas para a infância, apresentavam um caráter-didático, tinha apenas a finalidade de educar, apresentar modelos prontos, de mostrar a criança como era que os adultos queriam que fosse. As obras literárias

da época não tinha um caráter prazeroso, havia poucas obras que falasse da vida de forma lúdica, das viagens em torno do cotidiano, da família, da escola, entre outros.

A literatura infantil no Brasil ganhou força na década de 20 depois da Semana da Arte Moderna que aconteceu no ano de 1922. Evoluiu com Monteiro Lobato, mas teve um declínio no governo de Juscelino Kubitschek, porque faltava o principal texto que levasse a desenvolver o imaginário.

Depois do governo Juscelino Kubitschek veio o governo ditador, autoritário que punia quem e o que fosse contrário ao regime militar. Foi construído nesse período os atos institucionais (AIs) que era determinado pelo poder Executivo único poder presente e atuante nesse governo. No AI-4 o governo brasileiro estimula o trabalho infantil, reduzindo a idade mínima legal para 12 anos, logo aconteceu uma baixa frequência na escola, porque era obrigado a todos trabalharem. Nesse período as artes tiveram um retraimento devido à censura e perseguições da época. Também aconteceram diversas reformas no ensino principalmente no 1º e no 2º grau que tinha como objetivo geral de promover aos educando os estudos necessários para sua qualificação no trabalho, ou seja, para a auto-realização profissional e também preparava para o exercício da cidadania. (ZOTTI, 2004).

Um desses exemplos foi à reforma ocorrida na década de 1970, quando se alterou a reforma da educação no Brasil que segundo Zotti (2004, p.164) na lei n. 5.692/71 foi definido que: “à extensão da escolaridade caráter obrigatório, de quatro para oito anos, sendo denominado 1º grau, de caráter obrigatório e gratuito.”

A década de 70 foi marcada como o “boom” da literatura infantil. Pois nesse período se consolidou o mercado editorial e também aumentou a utilização dos livros nas escolas e aumentou os números de autores escrevendo obras infantis. A literatura se ramifica para outros caminhos da atividade humana, valorizando a aventura, o cotidiano, a família, a escola, o esporte, as brincadeiras, as minorias raciais, penetrando até no campo político e suas implicações (CASTRO, 2007). Nessa década foram promovidos vários seminários, encontros, congressos, a respeito desse assunto.

Surgiram nesse período escritoras marcantes que fazem histórias infantis até os dias de hoje. Lembrando de Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Marina Colasanti e Lygia Bojunga Nunes, Ruth Rocha, Roseana Murray autores com Ziraldo, Vinicius de Moraes, entre outros. Esses trouxeram humor para a literatura infantil. Lembrando que: “O aparecimento de novos

autores e de muitos livros para crianças não significou necessariamente que todos fossem renovadores ou que tivessem boa qualidade literária; ou ainda que seguissem uma linha uniforme de conduta” (Zilbermam, 2003, p. 195).

Hoje a literatura infantil é bem difundida na sociedade da criança, observamos que é mais ampla e mais importante. Ela propicia na criança o desenvolvimento social, emocional, cognitivo. Nesse sentido, quanto mais importante a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura lhe proporciona, maior será a chance dela se tornar um bom leitor no futuro.

3. A LITERATURA INFANTIL, O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E A PRÁTICA ESCOLAR

Ler, contar e ouvir história na Educação Infantil possibilita as crianças a encontrarem respostas para o imaginário individual. Encontrar respostas, criar ideias, descobrir e estimular o intelecto e o mundo que o rodeia são situações que são desenvolvidas junto à literatura infantil. A contação de história é de grande importância no desenvolvimento da criança, porque a partir do momento que ela pára pra escutar já acontece o início da aprendizagem para ser um leitor. (ABRAMOVICH, 2006). Ao ouvir a história a criança pode resolver situações como: tristeza, raiva, irritação, pavor, alegria, medo, angústia, insegurança. A própria Abramovich (2006, p. 17) defende que:

É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...]

Levando em conta que a contação implica também desenvolver o **lado crítico, a oralidade, a imaginação e a escrita**, “ao ler uma história à criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar [...] A criança pode se sentir inquietada,

“cutucada”, querendo saber mais e melhor ou perceber que pode mudar de opinião...” (ABRAMOVICH,2006, p. 143).

Quanto à oralidade, afirma Machado:

Eleger a linguagem oral como conteúdo da educação infantil é fazer do diálogo um lugar de desenvolvimento e aprendizagem. Implica promover atividades que criem situações da fala, escuta e compreensão da língua ampliando as capacidades comunicativas das crianças de forma significativa e que preserve a naturalidade de conversar, falar e escutar (MACHADO, 2000, p.42)

A **imaginação**, “é também suscitar o imaginário. É ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...)” (ABRAMOVICH, 2006, p. 17).

Ainda quanto ao trabalhar o imaginário na literatura infantil, Mainardes (2008, Digitalizado – não paginado) diz que: “A literatura é a ponte entre o real e o imaginário. As histórias auxiliam as crianças na elaboração de seus sentimentos, já que as emoções experienciadas por meio das narrativas preparam-nas para vivenciarem essas emoções no mundo real, de forma mais racional e equilibrada”.

Quanto à **escrita** defende Machado (2000, p.45) que: a contação de história favorece a comunicação do homem e o acesso deste à informação. Pela escrita, afirma a autora, o homem “se expressa e defende seus pontos de vista”. Ela completa que: “é necessário ter acesso a diversidades de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita [...]” e acima de tudo desenvolve a liberdade de criar, construir, desenvolver e transformar a realidade que o rodeia.

Contar história na sala de aula é promover uma ligação entre o livro e o aluno, levando a este a despertar o desejo por ouvir, ler e descobrir outras histórias e lugares.

Conforme Zanotto (2003, p.5):

O ouvir muitas histórias é importante para a formação de qualquer criança [...] é o início da aprendizagem para ser leitor por que: permite que a criança desenvolva um esquema de texto narrativo; [...] a perceber que nelas há começo, meio e fim e que elas estão contando alguma coisa que aconteceu, mesmo que seja de faz de conta; [...] permite o contato com a linguagem, escrita padrão; [...] Além de ampliar o vocabulário das crianças, porque muitas vezes existem livros com palavras que elas não conhecem; [...] desenvolva sua criatividade; [...] aprende a lidar com seus medos e expectativas e [...] realize a aprendizagem de novos conhecimentos.

Neste sentido, quando mais cedo à criança tiver contato com a literatura infantil, com livros e quando está perceber o prazer que a leitura proporciona, maior será a probabilidade de se tornar um adulto leitor. Através da leitura às crianças adquirirão uma postura crítico-reflexiva, bem significativa na sua formação cognitiva.

Vale lembrar, se a criança não tiver a oportunidade de suscitar o seu imaginário através dos livros infantis ou de qualquer outra literatura ou gênero textual, essa poderá no futuro ser um indivíduo, pouco criativo e com dificuldade de compreender sua realidade.

Completando esta afirmação o Referencial Curricular da Educação Infantil (BRASIL,1998, v3, p.143) diz: “a leitura de histórias é um instrumento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu”. Ou seja, a leitura na Educação Infantil deve ser para que as crianças possam resolver situações que envolva o seu eu pessoal e para instrumentalizá-las a costumes e conhecimentos futuros, pois a literatura é um instrumento muito valioso no estímulo da leitura e da escrita, servindo assim como um agente de formação. É bom frisar a importância de contar história mesmo para criança que já sabem ler, pois estas podem suscitar o gosto pelo desenho, a música, o pensar, o criar e recriar, oferecendo assim novas oportunidades, sendo essas mais prazerosas e significativas (ABRAMOVICH, 2006).

Vendo o interesse da criança pela leitura de livros infantis acredita-se que conseqüentemente ela se interessará em aprender à escrita, por que essa passará a possuir um significado

A literatura infantil tem por tarefa servir com agente de formação, seja pelo convívio espontâneo da criança leitora com o livro, seja no diálogo entre o professor e o aluno frente às atividades desenvolvidas na escola.

A escola é o espaço fundamental é o espaço privilegiado para essa formação. É na escola que os desafios deverão ser colocados, é lá que se abrirão caminhos para as crianças resolverem situações problemas de suas vidas tendo como objetivo uma aprendizagem significativa. Quanto a esse contar de história para resolver a vida, Busatto diz que:

Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. Assim, conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa experiência e reativar o sagrado (BUSSATO, 2003, p.45).

Frente à escola estão professor/educador que ao trabalhar com a contação de história deve ter em mente o seu papel de estimulador, orientador e mediador entre o aluno e a literatura infantil. Visando esse papel o educador deve planejar e conhecer o que ele vai desenvolver em sala de aula, levando em conta as diversidades que sua sala apresenta.

Dessa forma, utilizar a contação de história faz com que todos saiam ganhando, seja aluno por serem instigados a imaginar e criar, seja o professor que terá uma aula mais agradável e produtiva levando ao objetivo pretendido que é a compreensão e a aprendizagem do aluno.

O professor tem uma grande responsabilidade em propor atividades estimulantes. Assim o professor precisa de instrumentos, recursos adequados para trabalhar em sala. Sempre lembrando que não deve estabelecer critérios de escolhas, mas deixar que a criança estabeleça sua própria escolha procurando os livros que tem mais afinidade. Entende-se, assim, que a escola junto ao professor deve oferecer ao aluno uma variedade de livros, textos, entre outros. A escolha deve partir da criança, do seu interesse, pois, por meio dessa liberdade possibilitará na criança o prazer pela leitura.

Nessa mesma direção, Abramovich (2006, p.14) ressalta que: “ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens [...] Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível [...] E continua, lindamente, sendo exatamente isso!”.

Contudo, a leitura é:

Entendida como formadora de sujeitos que ativamente participam desse processo, construindo imagens e/ou interagindo como seu grupo e até com o autor. A criança é atraída pelo texto de forma prazerosa e espontânea, a partir de brincadeiras e de faz de conta, próprios dessa fase. Além disso, é importante lembrar que o leitor não precisa ser necessariamente letrado, ele pode participar do texto a partir da contação e recontação de histórias, das montagens das imagens, por meio de desenhos ou recortes, enfim, todas as atividades que envolvam o contato e interação com os diversos gêneros textuais. (FARIA, 2009, p.36 e37)

Ou seja, ler não é decifrar palavras, é vivenciar, participar, imaginar do que está lendo e o professor deverá proporcionar isso. Como sugere o RCNEI:

Os professores deverão organizar a sua prática de forma a promover em seus alunos: o interesse pela leitura de histórias; a familiaridade com a escrita por meio da participação em situações de contato cotidiano com livros, revistas, histórias em quadrinhos; escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor; escolher os livros para ler e apreciar. Isto se fará possível trabalhando conteúdos que privilegiem a participação dos alunos em situações de leitura de diferentes gêneros feita pelos adultos, como contos, poemas, parlendas, trava-línguas, etc. propiciar momentos de reconto de histórias conhecidas com aproximação às características da história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos, com ou sem a ajuda do professor (BRASIL, 1998, vol.3, p.117-159).

Para ser um contador de história não é preciso ter dom, é necessário apenas ter sensibilidade e saber encantar quem está ouvindo.

A partir da contação de histórias é possível descobrir novas palavras, deparar-se com a música e com o som que as frases e os nomes fazem. Porém, quem conta uma história tem que criar um clima de envolvimento e de encanto. Fazendo necessárias as pausas, dando o tempo para o imaginário de cada criança, para construir o seu cenário, visualizar os seus monstros, criar as suas fadas, adentrar pela floresta, pensar na cara do rei, travar lutas, entre outros. O desempenho do contador ao amarrar as inúmeras conotações às palavras faz a ponte entre o lúdico e a aprendizagem. ‘O conto oral é uma forma de narrativa que estabelece e concretiza as interações entre dois parceiros: o contador e o seu público’ (PATRINI, 2005, p.143 apud SILVEIRA, 2009, p.36)

Para contar uma história não é preciso estar com os livros em mãos, é necessário que o contador conheça alguma história, que goste de contar história. É preciso que o contador se entregue na história, utilize de materiais que chamem atenção das crianças como: fantoches, dedoches, livros de pano, materiais de sucata, mudança de voz, de feições (expressão facial) e acima de tudo a utilização do corpo, dos gestos, movimentos, etc..

Ribeiro destaca três elementos fundamentais para um bom contador são eles: a palavra, o silêncio e a linguagem corporal, mas o que ele fala de cada um: “a **palavra** as palavras devem ser revestidos de melodia, musicalidade [...] criar neologismos, fazer construções gramaticais, usar sinônimos, abusar das figuras de linguagens, instaurar o mistério e acima de tudo situar o discurso entre o padrão culto e o padrão popular da língua [...]” . O **silêncio**, “sua duração deve ser precisa, nem mais nem menos” (RIBEIRO, 2006 p. 24)

Ainda completa o autor:

O silêncio permite que o ouvinte tenha tempo para construir suas imagens calmamente, permite que o ouvinte saboreie as palavras, afague uma conjunção verbal feita com propriedade e conhecimento. O silêncio confere eco para as palavras, faz com que elas vibrem, repercutam. Uma prática que se aprende ouvindo e que se apreende do texto, a pedra fundamental do contador de histórias, do condutor do silêncio, maiores e menores. (RIBEIRO, 2006, p. 25).

E por fim a linguagem corporal. “Contar história implica a atitude de estar presente por inteiro [...] o corpo tem de estar em sintonia direta com a história que se está narrando” (RIBEIRO, 2006, p. 26).

O contador/professor da Educação Infantil deve ter paixão por contar, mas é necessário saber escolher a história, principalmente o que realmente gostou por que ao transmiti-lá, só haverá sucesso e satisfação de todos. A contação de história não deve ser de qualquer jeito, pegando um livro sem conhecê-lo, ler por ler. É preciso conhecer, tê-lo estudado, ter o domínio sobre toda história sem tropeços nas palavras ou que esqueça alguma situação vivida. O contador deve fazer o ouvinte acreditar naquilo que escuta, no que está sendo contado (MAINARDES, 2008)

Segundo Costa um bom contador deve: “manter o rumo da história; manter fidelidade ao texto na reprodução; evitar o moralismo explícito; usar e fazer usar a sensibilidade e a razão; aprimorar as técnicas de contação (voz, gestos, entonação, dicção, respiração, ritmo e postura corporal); ler, ler e ler” (COSTA, 2005 apud, MAINARDES 2008, Digitalizado – não paginado)

Concluindo essa afirmação Ribeiro (2006, p.34) diz: “Um bom contador (e leitor) de história não se avalia pela quantidade de livros lidos e sim pela intensidade com que ele faz as suas leituras e releituras, pelo modo como ele trata as histórias e os livros. É necessário um planejamento antecipado e escolher o material que será utilizado com antecedência. Os fantoches são materiais que supera a timidez tanto das crianças quanto dos adultos. Ribeiro destaca que:

Graças a um fantoche, pode ser superada uma timidez que dificultava a comunicação e podem ser expressos sentimentos antes difíceis de ser comunicados, pois o boneco passa a ser o foco da atenção no lugar daquele que o manipula. Quando os adultos o manipulam, eles têm em suas mãos um recurso mágico e de fácil penetração no mundo infantil. (RIBEIRO, 2006, p. 49)

Na sala de aula o fantoche é um excelente recurso didático juntamente com os livros. Eles podem ser produzidos pelas próprias crianças.

Contar história expressa o fazer simbólico, “É uma arte, é uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial, e o contador de história um artista que tece fios invisíveis desta teia que é o contar” (BUSSATO, 2008, p.9)

A literatura infantil, portanto não pode ser utilizada como um “pretexto” para o ensino da leitura é para o incentivo de formar o hábito de ler. Logo, a literatura infantil deve ser utilizada como um objeto mediador de conhecimento, levando o aluno a desenvolver possibilidades de atingir uma finalidade educativa.

4. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO CAMPO DE PESQUISA

A instituição onde ocorreu a pesquisa foi a Creche e Pré-escola Municipal Severino Cabral, localizada na Rua Jamila Abraão Jorge, s/n, Conjunto Álvaro Gaudêncio (Malvinas), zona urbana da cidade de Campina Grande. Foi a primeira instituição escolar do bairro, tendo a finalidade atender crianças de baixa renda e que estivesse na faixa etária de 2 a 6 anos. Hoje estão matriculadas 100 crianças na Educação Infantil. De acordo com a LDB (Lei de Diretrizes e Base). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, “A educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

A referida instituição funciona em prédio próprio. Entre suas dependências internas, a escola possui secretária onde funcionam também como diretoria e rouparia, quatro salas de aula, uma sala onde funciona a brinquedoteca juntamente com uma mini biblioteca, uma sala de vídeo, banheiros, uma cozinha, um almoxarifado, dois dormitórios, dois pátios com cobertura, uma área de serviço e uma lavanderia.

Nas dependências externas possui uma guarita para os vigias, um pequeno parque com balanços que estão arquivados, dois escorregos, chuveiros para banho recreativo e coletivo. Essa área pode ser utilizada para recreações dirigidas, aulas ao ar livre, entre outras atividades “No dia-a-dia devem-se aproveitar os espaços externos para realizar atividades cotidianas, como ler, contar histórias, fazer desenhos de observação, buscar materiais para coleções” (BRASIL, 2001, v1, p-103).

A instituição oferece um espaço para a leitura, mesmo assim as crianças não utilizam o ambiente devido. Os livros não apresentam bom estado conservação. Logo, as crianças não se sentem estimuladas a terem uma prática de leitura, nesse ambiente selecionado. Isso não quer dizer que prática de leitura só ocorra nessa sala. Segundo Freire, (2001, p.15): “ela acontece independente de lugar à sombra das mangueiras, no quintal de sua casa, o chão foi seu quadro negro, gravetos o seu giz”. Contudo é necessário que as crianças tenham um ambiente acolhedor e prazeroso pra que aconteça uma aprendizagem significativa. Mas, na instituição não há um projeto de leitura.

A instituição conta com uma gestora, formada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Acaraú tem especialização em Supervisão Educacional. Conta também com 12 professores, sendo 06 no turno da manhã e 06 no turno tarde. Todos os professores são formados em licenciatura plena em Pedagogia. Alguns destes têm habilitação em Educação Infantil pela Universidade Estadual da Paraíba, outros só a licenciatura pela Universidade do Vale do Acaraú. Seis dos professores tem algum tipo de especialização na área de educação. A faixa etária dos professores é de 35 a 52 anos de idade, sendo todas do sexo feminino, que atuam na educação de 12 a 28 anos de profissão. A instituição também conta com os profissionais do apoio (limpeza, merendeira e vigias).

As crianças matriculadas na instituição são de classe de baixa renda, com carência afetiva, cultural e econômica. Algumas destas crianças apresentam dificuldades de aprendizagem.

A pluralidade cultural, isto é, a diversidade de etnias, crenças, costumes, valores, etc. que caracterizam a população brasileira marca, também, as instituições de educação infantil. O trabalho com a diversidade e o convívio com a diferença possibilitam a ampliação de horizontes tanto para o professor quanto para a criança. Isto porque permite a conscientização de que a realidade de cada um é apenas parte de um universo maior que oferece múltiplas escolhas. (BRASIL, vol.1, p.77).

O perfil sócio-econômico-cultural da comunidade escolar inseri-se na classe social baixa, formada por: desempregados, domésticas, lavadeiras. A renda familiar não passa de um

salário mínimo, muitos só têm a bolsa escola para se manter. Há variação no grau de instrução, entre alfabetizados e os que concluíram o 2º grau, hoje, ensino médio.

A proposta pedagógica que as professoras seguem é a sócio-construtivista, pois o objetivo dos mesmos é de desenvolver as potencialidades intelectuais, emocionais das crianças. A LDB (Lei de Diretrizes e Bases) defende no seu artigo 29 que: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Essa proposta está articulada com a Secretária de Educação do Município.

Hoje a instituição conta com um projeto desenvolvido pelo Instituto C&A, o projeto intitulado “Para Lá e pra Cá” que tem como objetivo:

O programa Educação Infantil do Instituto C&A tem como objetivo geral contribuir para a ampliação do acesso e da qualidade da educação infantil. [...]. Finalidade de contribuir para a melhoria da qualidade do atendimento às crianças que frequentam instituições de educação infantil.

Para tanto, promove duas linhas de ação complementares e articuladas: (1) a formação continuada de professores e (2) o acesso a materiais de qualidade, tanto para as crianças quanto para os professores. Além de contribuir para a distribuição mais equitativa de materiais, o projeto pretende valorizar e fortalecer os saberes e fazeres pedagógicos e culturais locais, promovendo a sistematização dos materiais já existentes nas instituições e a produção de novos materiais adequados às necessidades locais. (Instituto C&A, 2010, on-line)

Esse projeto está sendo desenvolvido da seguinte forma: formação para professores e todos da instituição, incluindo o apoio (limpeza, merendeira e vigias). Essa formação acontece uma vez ao mês e durante o mês os professores devem colocar em prática o que foi desenvolvido na formação, esse projeto também conta com uma diversidade de matéria do tipo: livros de literatura infantil, fantoches, dedoches, fantasias, CDs com músicas infantis, além de livros para estudos dos professores, entre outros materiais.

5. CONTAR E OUVIR HISTÓRIAS INFANTIS: OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.

Na instituição pesquisada, as professoras mostraram ter um grande compromisso com a educação. Podendo-se observar que elas estabelecem um grande valor não só a contação de histórias, como também a diversidades de conhecimentos que a criança deve ter. No período da observação foi visto que a maioria das professoras tem a contação de histórias como uma atividade do cotidiano e que são realizadas diariamente na roda da conversa ou na hora em que vai se aproximando a saída das crianças no fim do turno.

Quanto ao ouvir história na roda da conversa é importante destacar que:

Ao ouvirem histórias lidas, cantadas ou relatadas, as crianças demonstram sua participação na atividade quando propõem brincadeiras, fazem vocalizações, movimentam o corpo, enfim, se comunicam (RAMOS; ROSA, 2008 apud BRANDÃO, ROSA, 2010, p. 35) [...] outros aspectos passam a ser evidenciados, tais como: o interesse crescente das crianças pelo conteúdo do que é lido; a atenção que desperta a sonoridade das palavras; a capacidade de perceber o encadeamento temporal e causal de eventos presentes na narrativa, a possibilidade de compor um repertório de histórias conhecidas, apreciadas e até aprendidas de cor, entre outros. (BRANDÃO, ROSA, 2010, p. 35).

Foi visto também que as crianças participam de forma efetiva com perguntas, conversas, querendo ver as imagens, as cores, acompanham oralmente quando a história já faz parte de seu conhecimento e também fazem uma contextualização utilizando acontecimentos de sua vivência pessoal trazendo-a para dentro desse momento, propiciando assim a socialização dos fatos que acontecem no dia-a-dia de suas casas.

As professoras envolvidas nesta pesquisa trabalham com uma diversidade de histórias e elaboram atividades relacionadas às mesmas. Lembrando que durante essas atividades e a contação de histórias as professoras, trabalham com as áreas de conhecimentos, ou seja, trabalham com a linguagem oral e escrita, formação social e pessoal, natureza e sociedade, artes e matemática. Visando, enfim, um desenvolvimento considerável por parte das crianças.

Contar história na Educação Infantil acaba possibilitando que a criança desenvolva muitos conhecimentos, levando a essas a criarem e encontrarem respostas para perguntas que ficam em seu imaginário ou que está inserida no seu dia-a-dia em sua comunidade.

Em meio aos períodos de observação foi notável o desenvolvimento da oralidade por partes de algumas crianças, a ampliação do seu vocabulário, a autonomia na escolha da história preferida entre muitas atitudes das crianças.

No período da observação em uma sala de pré-II a professora deu início um projeto sobre afetividade, onde começou com a contação da história: A Menina e o Tambor, a professora tinha como objetivo desenvolver os laços afetivos das crianças por que em sua sala havia um considerável índice de desentendimentos e agressões entre as crianças. Em meio ao trabalho a professora realizou diversos questionamentos sobre o respeito, sentimentos e carinho na relação com o outro.

A professora realizou, também, atividades que ao longo do tempo foi se estabelecendo laços afetivos, não só na sala de aula como nos ambientes familiares, conforme depoimentos dos próprios pais. As crianças elaboraram, durante este projeto, vários trabalhos manuais, atividades dirigidas e lúdicas, muitos desenhos foram produzidos por eles, representando assim o desenvolvimento de várias habilidades demonstradas durante estes momentos, a coordenação motora, a oralidade, a memorização, a organização do pensamento; tudo isso pudemos observar no decorrer das atividades.

Outro projeto ainda no período de observação foi desenvolvido pelas educadoras que atuam com crianças de 2 a 3 anos de idade, nas turmas dos materiais, como são denominadas na instituição, que tinha como propósito de auxiliar a criança em seu desenvolvimento, no processo de identificação e na construção de valores, foi acerca da identidade de cada criança. Aqui foram contadas as histórias como a da “Casa Sonolenta” e a dos “Cachinhos Dourados”. Nesse projeto houve uma grande identificação entre as crianças e suas famílias. As educadoras propiciaram as crianças um ambiente que se parecia com uma casa normal, onde elas realizaram atividades eventuais de uma casa, varreram, passaram pano, lavaram roupa entre outros a fazeres. Por fim foi realizada uma apresentação em peça teatral sobre as histórias contadas. Nessa apresentação as educadoras juntamente com algumas pessoas da equipe do apoio dramatizaram todas as duas histórias. Mesmo sendo uma apresentação realizada pelos educadores da instituição foi visto que houve muito interesse das crianças nesta atividade, pois elas ficaram entusiasmadas e prestaram atenção nas encenações. E, com certeza, o fato da história já ter sido trabalhada anteriormente ajudou muito, a familiarização com a atividade.

Através dessas atividades foi observado que trabalhar com as crianças momentos como estes são importantes para que elas se socializem e interagem entre si, construindo assim a sua personalidade gradativamente de maneira espontânea, “brincando”.

5.1 A INTERLOCUÇÃO COM AS PROFESSORAS

Quanto aos questionários foram realizadas quatro perguntas. A instituição conta com 12 profissionais da educação, só que o questionário só foi aplicado apenas no turno da tarde, logo, apenas 06 professores foram os respondentes. Lembrando que dos 12 profissionais 03 estão na instituição os dois horários manhã e tarde. Todos os profissionais são do sexo feminino, com idades de 35 a 50 anos e os anos de atuação variam entre 12 e 28 anos e todas concluíram o ensino superior em Pedagogia.

O questionário foi aplicado individualmente, e de forma espontânea, deixando claro que as professoras levaram o questionário para responder em casa e trazendo em dias subsequentes. Quanto às perguntas foram questões abertas, onde as professoras colocaram aquilo que sabiam e tinha opinião formada. A primeira questão diz respeito à importância dada a contação de história. E as respostas foram às seguintes.

Professora 1:	É importante porque as crianças para aprendem a ouvir e amplia o seu vocabulário.
Professora 2:	É importante porque desenvolve o raciocínio, a percepção auditiva, a memória perceptiva, ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da oralidade.
Professora 3:	É importante porque contribui para o desenvolvimento cognitivo e em outros aspectos da criança.
Professora 4:	É de grande importância que o professor conte bastante história, pois ajudará a crianças a se desenvolver em vários aspectos, entre eles a oralidade e a imaginação.

Professora 5:	É importante porque estimula a imaginação da criança, ajuda a se concentra, a gostar de ler, como também permite à criança entrar em contato com a leitura prévia ajudando, assim, que a mesma possa ler fluentemente.
Professora 6:	É de grande importante para o desenvolvimento de uma criança. Porque ao ouvir a história a criança tem chance de se tornar um leitor quando adulto. Nos professores sabemos que a leitura em sala de aula (a hora de contar história), desenvolve na criança vários aspectos, a atenção, a oralidade, o cognitivo, o gosto pela leitura entre outros.

Todas as respostas foram bem expressivas e bem objetivas a respeito da importância da contação de história para o desenvolvimento das crianças. A professora 3 respondeu bem objetiva a pergunta mas as outras cinco opinaram e acrescentaram acerca do desenvolvimento que a contação de história na sala de aula. Destaca-se que todas as respostas tiveram suas opiniões respeitadas, mas deve ser exposto que ao ouvir histórias infantis a criança pode resolver situações como: tristezas, angústias, irritação, raiva, medo, alegria, inseguranças, ou seja, ela pode resolver situações que esta inserida na sua comunidade podendo assim transformá-la de acordo com o seu querer.

Assim, as histórias além de desenvolver a sensibilidade emocional, propiciam o desenvolvimento social e cognitivo, da criança no qual aprendem naturalmente outros modos de ser, sentir e viver (ABRAMOVICH, 2006). Retomando o Referencial Curricular da Educação Infantil (BRASIL, 1998, v3, p.143), “a leitura de história é um caminho em que a criança pode desenvolver e conhecer a forma de viver, pensar e agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu”. Abramovich (2006) ainda defende que já em ouvir histórias infantis a aprendizagem acontece é o início para se tornar um bom leitor.

Quanto à criança se tornar um leitor futuramente, lembrando que as crianças já fazem uma leitura de mundo, a penas não é da forma convencional duas professoras destacaram que a contação de história teria como consequência a formação esses bons leitores. Acredito que só iremos formar crianças que gostem de ler se propiciarmos a ela um relação de prazer com os livros. Devemos oferecer desde muito cedo um contato frequente com livros e devemos contar histórias também porque o ato de ouvir já está propiciando a criança um momento

prazeroso e um momento de uma aprendizagem significativa (CRAIDY & KAERCHER, 2001). Esses mesmos autores acrescentam que:

Contar história para formar crianças que gostem de ler e vejam na leitura e na literatura uma possibilidade de divertimento e aprendizagens precisamos ter, nós adultos, uma relação especial com a literatura e a leitura: precisamos gostar de ler, ler com alegria, por diversão; brigando com o texto, discordando, desejando mudar o final da história, enfim, costurado cada leitura, como um retalho colorido, à grande colcha de retalhos – colorida, significativa – que é a nossa história de leitura. (CRAIDY & KAERCHER, 2001, p.83)

Mas também foi destacado pelas professoras que as histórias infantis desenvolvem a oralidade, o raciocínio, a percepção auditiva, amplia o vocabulário, a memória perceptiva, acontece também o desenvolvimento cognitivo da criança, a imaginação, a concentração. Essas afirmações vão ao encontro ao que foi dito no início deste projeto no que diz respeito à fruição da criança quanto à realização da contação de história, porque a criança tem que ter prazer em ouvir e recontar o que foi lido, não utilizando a contação como conteúdo didático. Quanto a esse desenvolvimento que acontece na criança Brandão, Rosa (2010, p. 41) diz:

[...] ler histórias para crianças também amplia seu repertório de palavras, inclusive aquelas usadas para falar sobre livros com ‘capa’, ‘autor’ e ‘ilustrador’, ‘capítulo’ ou ‘índice’, bem como foca sua atenção não apenas no conteúdo da mensagem, mas também nas formas de dizer. Assim, a leitura de poemas, fábulas, contos de fadas, cordéis, entre outros gêneros literários, familiariza as crianças com a linguagem escrita e as convenções linguísticas desses diversos gêneros discursivos.

Além disso, devemos destacar que segundo as mesmas autoras:

[...] A leitura de histórias permite ainda que as crianças aprendam sobre a direção da escrita, sobre a existência de outros sinais gráficos diferentes das letras, como os sinais de pontuação, podendo também localizar letras e palavras já conhecidas ou perceber rimas e a presença de palavras ‘dentro’ de outras, conhecimentos importantes no processo de alfabetização. Ao mesmo tempo, estimula a imaginação e criatividade, contribuindo para que elas desenvolvam habilidades de atenção e memória de uma forma significativa e lúdica quando

brincam, por exemplo, de ‘ler’ versos rimados e ‘lenga-lengas’ reproduzidos em cartazes ou no próprio livro. (BRANDÃO, ROSA, 2010, p. 42).

Levamos em conta que as respostas dadas pelas professoras foram todas aceitas e que mostra o quanto às professoras estão sabendo do desenvolvimento que a literatura infantil trás para as crianças. A segunda pergunta também foi uma questão aberta e foi respondida por todas as professoras. A pergunta foi à seguinte: Você conta história em sala de aula? Com que frequência? Se conta, além do livro, quais os recursos que utiliza?

Professora 1:	Sim, com frequência, dedoches, fantoche, perucas, com carinhas dos animais se a história tiver.
Professora 2:	Sim, três vezes por semana. Os recursos utilizados além dos livros são: fantoches, dedoches, fantasias, chapéu, aventais de história.
Professora 3:	Sim, diariamente. Fantoches, luvas com os personagens, aventais de histórias e até objetos variados para o faz-de-conta.
Professora 4:	Sim, livros infantis bem coloridos, fantoches e caixa surpresa.
Professora 5:	Sim, sempre que possível todos os dias. Poucas vezes utilizo outros recursos.
Professora 6:	Sim, diariamente. Não tenho costume de utilizar outros recursos além do livro.

Nesta pergunta ficou notório que a prática de contação de história é presente na sala de aula, pois todas as professoras responderam que sim. Lembrando que no período da observação na instituição não foi vista essa prática em apenas uma sala, mas foi visto que nessa turma a professora propicia, às crianças, períodos longos de brincadeiras livres. Foi

visto também que essa prática é diária por parte de três das seis professoras da instituição, apenas uma disse realizar a contação de história três vezes por semana e duas não disseram à frequência que essa atividade é realizada. Acerca dos recursos utilizados, além do livro, quatro das seis professoras disseram utilizar outros recursos como: dedoches, fantoche, perucas, fantasias, chapéu, aventais de história, livros infantis bem coloridos, caixa surpresa, luvas com os personagens, objetos variados para o faz-de-conta. Uma respondeu que não utilizava com frequência outros recursos e a outra disse não utiliza recurso algum. No período da observação foi visto que uma das seis professoras também utiliza na contação de história a expressão corporal, facial e também utiliza diversas vozes.

Quanto a essa questão não é necessário estar com o livro em mãos, só basta conhecer a história e que utilize de materiais que chamem atenção das crianças como: fantoches, dedoches, livros de pano, materiais de sucata, mudança de voz, de feições (expressão facial) e acima de tudo a utilização do corpo, dos gestos, movimentos, etc.

Pode-se também comprovar que se na história ouvida por crianças pequenas tiver algum tipo de ilustração tipo: gravuras, desenhos, bonecos, fantoches, dobraduras, será de grande incentivo e mais interessante para torna as crianças mais atraentes e serão mais fáceis de assimilar. Destaca-se também a importância da música que é de grande valia na contação de história. (FERREIRA, 2007)

Devemos considerar também a necessidade de se ter um fantoche em sala de aula, pois segundo Ribeiro (2006, p. 49):

Graças a um fantoche, pode ser superada uma timidez que dificultava a comunicação e podem ser expressos sentimentos antes difíceis de ser comunicados, pois o boneco passa a ser o foco da atenção no lugar daquele que o manipula. Quando os adultos o manipulam, eles têm em suas mãos recurso mágico e de fácil penetração no mundo infantil. O processo criativo que envolve a manipulação de fantoches estimula também o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, faz com que a criança aprenda a tomar decisões e a expressar-se.

Devemos observar sempre a importância que a contação de histórias tem na vida de uma criança. Lembrando ainda que se a criança não tiver a oportunidade de suscitar o seu imaginário através da literatura infantil, essa poderá ser um indivíduo, pouco criativo e que apresente alguma dificuldade de compreender a realidade no qual esta inserida.

A terceira pergunta foi mais uma vez aberta e também foi respondida por todos os envolvidos na pesquisa. A pergunta foi à seguinte: É possível observar o desenvolvimento da criança através da contação de história? Explique leitura e escrita?

Professora 1:	Sim, porque através ao observar das crianças elas desenvolvem a leitura e escrita
Professora 2:	Sim, porque a leitura é o ato de interpretar o que se lê, ou o que se vê e a escrita é transcrever o que se lê, através de rabiscos, células ou letras.
Professora 3:	Sim, o desenvolvimento é visível. Um aspecto desse desenvolvimento é a concentração. Quando a criança consegue vencer essa etapa, vem o gosto pela leitura. Depois, a oralidade e a organização de ideias, associada à ampliação do conhecimento de mundo e o enriquecimento do nós vocabulário. A escrita flui com maior facilidade quando o acesso ao mundo letrado acontece com prazer
Professora 4:	Sim, as crianças desenvolvem melhor a linguagem oral. E também desperta o interesse em manusear os objetos utilizados na contagem da história, querendo ver, pegar e folhear e o recontar a história imitando o professor isso desenvolve o gosto pela leitura e conseqüentemente a escrita.
Professora 5:	Sim, pois a criança se torna mais participativa. Observa detalhes da história, comente as cenas, começa a perceber que existe o texto verbal além do não-verbal, desenvolvendo a oralidade, o gosto pela leitura e escrita.
Professora 6:	Sim, com relação à leitura é possível incentivar o gosto pela leitura e a escrita acredito que quem ler bem escreve bem.

Todas as professoras responderam que sim, que é possível ver um desenvolvimento da criança na leitura e escrita com a contação de história. Mas a professora 1 não respondeu qual desenvolvimento poderia acontecer. A professora 2 colocou os conceitos do que é leitura e

escrita, para ela “leitura é o ato de interpretar o que se lê, ou o que se vê e a escrita é transcrever o que se lê, através de rabiscos, células ou letras”. As demais professoras falaram que o desenvolvimento é notável. Lembrando que elas mencionaram os aspectos do desenvolvimento que acontecem nas crianças quando escutam as histórias, sendo elas; concentração, oralidade, organização do pensamento ou ideias, ampliação do vocabulário e do conhecimento de mundo, mas também acrescentaram que a contação de história pode desenvolver principalmente o gosto pela leitura. Acerca dessa questão Kuhlthau demonstra os benefícios que a contação de histórias oferece para que os estudantes se tornem leitores e, por conta disso, melhores escritores.

Antes que possam ler sozinhas as crianças devem escutar histórias, a fim de desenvolver o interesse pelos livros e conscientizar-se da variedade de livros disponíveis. Quando estão aprendendo a ler, a escuta de histórias funciona como uma influência modalizadora para a leitura. Essa atividade possibilita a experiência com o fluxo das palavras para formar os significados. As crianças vivenciam o prazer e os sentimentos criados pela leitura. Por outro lado, a leitura tem como finalidade a formação de escritores, não no sentido de profissionais da escrita, mas de pessoas capazes de escrever adequadamente. Assim, ela fornece a matéria – prima para a escrita (o que escrever), além de contribuir para a constituição de modelos (como escrever). (2002, p. 50 apud SANTOS, BARBOSA, 2009 p.26)

Para Faria (2009) a leitura é formadora de sujeitos que participam do seu próprio processo, de construção de imagem e/ou interação com seu grupo e até mesmo com o autor. A criança se atrai por textos prazerosos de ouvir, e que aconteça de forma espontânea. Pois ler não é decifrar palavras, é vivenciar, imaginar participar do que está sendo ouvido.

É importante deixar claro que as professoras em questão afirmaram que quem ler bem conseqüentemente escreverá bem. Como afirma o próprio RCNEI, para aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem. (BRASIL, 1998, v3), ou seja, a escrita passará a ter um significado.

É de muita importância a criança ter acesso a leitura e o professor é o responsável a oferecer diversos tipos de materiais escritos, diversos gêneros, porque possibilitará a criança o

contato com varias práticas culturais mediadas pela escrita. A leitura permite colocar as crianças no papel de leitoras mesmo que as crianças não saibam ler, pois elas já têm uma leitura de mundo e vão saber pelas gravuras de que a história se trata. (BRASIL, 2001)

Pensando nesse contato que a criança deve ter com os livros, foi realizada a quarta e última questão, que é a seguinte: Você utiliza a prática do reconto da história por parte da criança? Com que finalidade?

Professora 1:	Com a finalidade de fazer com que as crianças se desenvolvam, dramatizando e recontem a história imitando os personagens da mesma.
Professora 2:	Sim, desenvolvimento da oralidade, autonomia, leitura não verbal, sequência de fatos, etc..
Professora 3:	Sim, para observar a compreensão do aluno o desenvolvimento da oralidade e a organização de ideias.
Professora 4:	Sim, às vezes a criança pega um fantoche ou um livro e começa a contar história, onde a finalidade é sempre melhorar o seu desenvolvimento.
Professora 5:	Eu utilizo a prática do reconto da história com a finalidade de desinibir a criança a falar em público, a observar se a mesma conta com o início, meio e fim e se conta com detalhes o que indica que esta observa e utiliza a imaginação e a criatividade.
Professora 6:	Sim, as crianças também tem a oportunidade de recontar a história lidas desta forma desenvolve a oralidade.

As professoras envolvidas disseram utilizar o reconto sim em sua prática de sala de aula. É bom destacar que a arte do reconto não deve ser uma atividade que utilize a exploração dos conteúdos, ou seja, a pedagogização da prática. Deve ser algo em que a criança vá construindo o seu repertório de vida, lembrando que a necessidade da relação lúdica criança /livro deve acontecer de forma prazerosa, onde a criança passe a refletir está vivência e que desenvolva o gosto pela leitura e conseqüentemente pelas múltiplas linguagens. As professoras 1 e 4 afirmaram utilizar está prática para o desenvolvimento da

criança, mas no período de observação realizado na instituição foi visto que a prática de contação e o reconto das histórias não existiu na sala de aula. Informando que as duas professoras são da mesma sala de aula. Mas afirmaram que o reconto iria melhorar o desenvolvimento da criança.

As demais professoras disseram que utilizam o reconto para desenvolver a oralidade, a autonomia. E destacaram também que utiliza esta prática para observar como a criança está desenvolvendo no que diz respeito à sequências dos fatos, como as crianças estabelecem o início, o meio e o fim da história, se a história contada tem detalhes, como as crianças organizam as ideias e principalmente como está a leitura verbal da criança. Fica em destaque o que falou a professora 5 que diz que: “utilizo a prática do reconto da história com a finalidade de desinibir a criança a falar em público” achei muito feliz esta fala da professora porque muitas crianças tem a inibição de falar em público e com a prática de reconto as crianças vão perdendo a timidez e estabelecendo um novo desenvolvimento em suas vidas.

Considero importante frisar que as professoras da instituição observada não utilizam o reconto como forma de avaliação. Mas, é bom destacar que pode ser utilizado como uma estratégia de avaliação. Todavia o professor deve ter muita atenção com a criança, como se expressa, como utiliza da oportunidade do reconto, como é sua linguagem, se é fluente se tem complexidade, se as frases são estruturadas enfim, toda atividade e avaliação podem ser bem desenvolvidas na contação de histórias. A contação e o reconto de história “é a porta de um mundo onde a criança pode intervir estabelecer relações, imaginar, criar e recriar o ambiente que a cerca. [...] ‘vestem-se’ de diferentes papéis, experimentando distintas emoções e vivências que as ajudam a construir a sua identidade” (BRANDÃO, 2009, p.120.)

Lembrando que o reconto estimula nas crianças o exercício da socialização, levando a ela a desenvolver aptidões perante as pessoas. Além disso, estabelece nessa vivência o encontro com os seus sentimentos, pois ao dar forma ao sentimento dos personagens da história à criança poderá se identificar com a situação e resolver os seus próprios problemas e conseqüentemente, amplia os seus recursos íntimos e o amadurecimento psicológico. (BUSATTO, 2003).

Enfim, a partir das respostas dadas pelas professoras é possível chegar à conclusão de que as docentes dessa instituição têm compromisso com as crianças, no que se refere ao estímulo à leitura, apesar desta ser uma prática considerada escolarizada. E, se essa prática se

mantiver em outras fases da escolaridade da criança, contribuirá na sua formação leitora quando adulto. Lembrando que se os resultados dessa entrevista não estiverem mascarados, teremos, em breve, crianças mais críticas, responsáveis pelo seu desenvolvimento, e que poderão transformar sua realidade, sendo capazes de selecionar o que gostam e o que não gostam de ler.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que se faz necessário que o educador introduza a literatura infantil na sua prática pedagógica para assim contribuir para o crescimento e a identificação pessoal da criança. A literatura infantil torna-se, imprescindível em uma sala de aula, cabendo aos professores de Educação Infantil explorá-la diariamente. Assim, está se constitui um material riquíssimo que aflora a criatividade infantil, desperta o imaginário da criança e seu gosto pela leitura.

Ao ouvir e ao contar uma história, a criança vivência com os personagens todas as emoções, conflitos e fantasias por ela inspirada. Tudo isso é guardado em seus esquemas mentais, na sua própria vida, podendo lhe servir como auxílio na resolução de problemas futuros, interiores, e que possa ser relacionados com a sua realidade. Ou seja, podemos afirmar que as crianças se utilizam das situações vividas nas histórias para tentar compreender o mundo em sua volta.

Pudemos compreender através de observações feitas, que ao ouvir uma história as crianças se desenvolvem cognitivamente, desenvolve a oralidade, a criatividade, o seu senso-crítico, amplia o seu conhecimento de mundo, o vocabulário, e acima de tudo desenvolve o seu lado emocional.

Consideramos também que ao introduzirmos uma literatura infantil de qualidade, despertaremos nas crianças o desejo pela leitura. E, se essa literatura for carregada de sentimentos, de expressões capazes de impulsionar o ato criador do leitor, mais compreensão ele terá de si e do outro.

Inúmeras são as propostas de atividades que podemos realizar com a contação de história. Porque além de divertir as crianças elas atingem outros objetivos, como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência, a criatividade, a sensibilidade e acima de tudo deixa as crianças a resolverem inúmeras situações que lhe rodeiam.

Portanto a conquista do pequeno leitor se dá através da relação prazerosa com os livros, onde os sonhos, fantasias e a imaginação se misturam numa realidade única, levando aos pequenos a vivenciarem emoções com os personagens. E ao trazer a literatura infantil para sala de aula, o professor estabelece um diálogo entre a criança e o professor e entre a criança e o livro. Logo para formar uma criança que goste de ler e veja na leitura uma possibilidade de diversão e aprendizagem, devemos nos educadores gostar de ler e ler com alegria e mostrar para a criança como é bom realizar uma leitura prazerosa.

Acredito que a literatura infantil seja um espaço de descobertas, que são obtidas através da participação e colaboração tanto do professor quanto da criança. Levando em conta que durante a atividade de contação de história as professoras podem trabalhar as diversas áreas do conhecimento, ou seja, trabalham com a formação social e pessoal, com a linguagem escrita e oral, a linguagem artística e a matemática e a de natureza e sociedade. Concluindo por fim, um desenvolvimento de um todo.

Por fim, devemos, como educadores, planejar nossas aulas considerando a diversidade cultural e social de nossas crianças e seus ritmos de desenvolvimento. Pois, para contar histórias não é necessário ter o livro em mãos, é preciso que o contador/professor conheça uma história, que goste de contar história e que utilize recursos que chamem atenção das crianças, para que assim, momentos prazerosos e significativos possam acontecer na sala de aula.

Portanto, toda prática pedagógica, sempre está num processo contínuo de busca, de reflexão, buscando construir saberes para ser colocada em prática, com vistas na formação de indivíduos críticos e autônomos, capazes de tomar decisões.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil na Escola**. São Paulo, Global editora, 2003, 11ª Edição revista, atualizada e ampliada.

BASSO, Cíntia Maria. **A literatura Infantil no primeiros anos escolares e a pedagogia de projetos**. Disponível em: http://www.ufsm.br/lec/02_01/CintiaLC6.htm Capturado no dia 19 de janeiro de 2011 – Não paginado digitalizado.

BRASIL, Ministério da Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para educação infantil/ Ministério da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001. 1V.: il.

BRASIL, Ministério da Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para educação infantil/ Ministério da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001. 3V.: il.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 2001.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei que Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <
http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041202141358.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2009.

BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida. O livro literário na educação infantil: ressignificando a prática pedagógica. In: **O livro literário na educação infantil: ressignificando a prática pedagógica**. MELO, Glória Maria Leitão de Souza e MOTA, Marinalva da Silva. **Ser criança: repensando o lugar da criança na educação infantil**. Campina Grande – EDUEPB, 2009.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi, Ester Calland de Sousa ROSA. Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil. In: **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte – MG: Autêntica Editora, 2010.

BUSSATO, Cléo. **Contar e encantar**: Pequenos segredo da narrativa. 5ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CRAIDY, Carmem Maria & KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. E Por Falar em Literatura... In:**Educação Infantil**: pra que te quero? – Porto Alegre: Artmed, 2001. p.81- 88

CASTRO, Eliane Fernande de. Contextualizando Literatura Infantil. In: **A importância de leitura infantil para o desenvolvimento da criança**. Publicado em: 2007. Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-importancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento.htm>. Capturado: 06 de janeiro de 2011.

DORNELLES, Leni Vieira. Inventando a Infância. In: **Infância que nos escapam**: Da criança na rua à criança cyber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p11-69

FARIA, Evangelina Maria Brito de. (org). Ler: Arte de Ver, Contar (En) Cantar. In: **A criança e as múltiplas linguagens na Educação Infantil**. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 2009.

FERREIRA, Aurora. In: **Contar história com arte e ensinar brincando**: para a educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

FREIRE, Paulo. **A sombra dessa mangueira**. São Paulo-SP editora Olho D'água, 2001.

MACHADO, Rose Elaine. **Método dinâmico de ensino: Educação Infantil**. 1º edição. São Paulo: Rideel, 2000.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios, Literatura Infantil e Adaptações. In: **literatura Infantil**: a fantasia e o domínio do Real, Teresina; Piauí. UFPI, 2001. 1º edição

MAINARDES, Rita de Cássia Milleo. A arte de contar historia: uma teia mágica que enreda leitores. In: **Material organizado para o Seminário de Formação Continuada de Professores**: Desafios e Perspectivas da Secretaria Municipal de Educação e Tecnologia.

2007/2008. Disponível no site:
http://200.195.151.86/educacao/images/stories/a_arte_de_contar_historia_reparada_pdf.
Capturado no dia 06 de janeiro de 2011. (Não-paginado- digitalizado).

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo, “La FONTAINE (1621 – 1695)” [on-line] Disponível na internet via: [HTTP://www.graudiz.com.br/litinf/atores/lafontaine/lafontaine.htm](http://www.graudiz.com.br/litinf/atores/lafontaine/lafontaine.htm) Capturado no dia: 04 de maio de 2011. Publicado em 2006.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo, “Charles Perrault (1628 – 1703)” [on-line] Disponível na internet via: [HTTP://www.graudiz.com.br/litinf/atores/perrault/perrault.htm](http://www.graudiz.com.br/litinf/atores/perrault/perrault.htm) 29 de março de 2011. Publicado em 2006.

PEREIRA, Maria Sueli. A importância da literatura infantil nas series iniciais. In: **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**. Campo Largo, v.6, n1, jun 2007. Disponível em: <http://revistas.facecla.com.br/index.php/reped/article/viewFile/283/189>. Capturado no dia 06 de janeiro de 2011.

RIBEIRO, Jonas. **Ouvidos Dourados: A arte de ouvir as histórias (... para depois contá-las...)**, São Paulo – SP, Editora Ave Maria 6ª edição, 2006.

SANTOS, Luciane Rodrigues da Silva e BARBOSA, Christiane Jaroski. Contação de histórias para crianças dos anos iniciais. In: Revista FACEVV | Vila Velha | Número 3 | Jul./Dez. 2009 | p. 23-33 disponível em: <http://www.facevv.edu.br/Revista/03/ARTIGO%20CHRISTIANE%20JAROSKY.pdf> capturado em 06 de maio de 2011

SILVEIRA, Bianca Farias da. **Contação de histórias na sala de aula: um poder mágico**. 2009. Disponível em: http://www.revistaprolingua.com.br/wp_content/uploads/2009/07/bianca_farias_da_silveira.pdf Capturado no dia 06 de janeiro de 2011.

SILVA, Edna Lúcia da. A pesquisa e suas Classificações. In **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3ª edição revista, atualizada. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001, 121 p.

ZANATTO, Maria Angélica do Carmo. RECONTAR HISTÓRIA: atividades é importante para a formação das crianças pré-escolares. In: **Revista do Professor**. Porto Alegre, v19, nº74, abr/jun 2003. Disponível em: <http://www.smecc.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-letrar/lecto-escrita/sugestoes/recontar-%20historias.pdf>. Capturado no dia 06 de janeiro de 2011.

ZILBERMAM, Regina. **A literatura Infantil na Escola**. São Paulo, Global Editora, 2003, 11ª Edição revista, atualizada e ampliada.

ZOTTI, Solange Aparecida. Sociedade, educação e currículo no Contexto da Ditadura Militar. In: **Sociedade, educação e currículo no Brasil dos jesuítas aos anos de 1980**. Campinas, SP: Autores Associados e plano, 2004.

Sites:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Esopo> Capturado no dia 06 de janeiro de 2011.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fedro> Capturado no dia 06 de janeiro de 2011.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_de_La_Fontaine Capturado no dia 06 de janeiro de 2011.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Perrault Capturado no dia 06 de janeiro de 2011

<http://www.paralapraca.org.br/?cat=11> Capturado no dia 29 de maio de 2011